



Relatos de Experiência: Eixo 2 – Alfabetização e letramento

PRÁTICAS ALFABETIZADORAS PÓS-PANDEMIA: RELATO DE INTERVENÇÕES

Jennifer Guimarães Praxedes - UENP-Cornélio Procópio*
Cristiane Delfino Machado dos Santos - UENP-Cornélio Procópio **
Roberta Negrão de Araújo – UENP-Cornélio Procópio***

Resumo: O presente relato tem como objetivo apresentar intervenções desenvolvidas em uma turma de 2º ano de Ensino Fundamental no ano de 2022 em um município no norte do Paraná. Diante do cenário de retorno das aulas presenciais, após o ensino remoto no decorrer dos anos de 2020 e 2021, evidenciou-se, além de grandes lacunas na aprendizagem da criança, acentuada heterogeneidade em seus níveis, haja vista que a responsabilidade do ensino recaiu, principalmente, aos responsáveis por estas. Assim, tem-se como questão norteadora: De que modo garantir a aprendizagem do escolar dos anos iniciais, superando as dificuldades no processo de alfabetização? Ao considerar a necessidade de inovação da prática pedagógica, foram organizadas intervenções com o objetivo de garantir a aprendizagem da leitura e da escrita para o estudante desta etapa da Educação Básica. Com as intervenções possibilitou-se, em um período curto, evidenciar um avanço qualitativo na aprendizagem dos escolares.

Palavras-chave: Alfabetização. Experiência. Prática pedagógica.

Introdução

O cenário educacional nas escolas pós ensino remoto gerou momentos de incertezas e dúvidas na efetivação da prática pedagógica, em que se teve que lidar com uma realidade nova e receber alunos cujo ensino não foi viabilizado durante esse período, o que acarretou uma grande defasagem na aprendizagem das crianças. Desta forma, práticas tradicionais de alfabetização pautadas na memorização das letras, sílabas e decoreba de fonemas fora de contexto são incabíveis.

As crianças estão imersas em um mundo que as proporciona uma variedade de recursos tecnológicos, mergulhadas em um mundo que é letrado. Apesar de não terem o domínio da leitura e da escrita, é comum encontrar uma criança que saiba acessar com facilidade um jogo, as mídias sociais nos celulares, nos tablets, e em alguns casos até com mais

*Mestranda em Ensino pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Professora efetiva na Educação Básica – rede municipal de Ibiporã e Cambé.

**Mestranda em Ensino pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Professora efetiva na Educação Básica – rede municipal de Cornélio Procópio-PR.

***Doutora em Ensino pela Universidade Estadual de Londrina. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná.



propriedade do que um adulto alfabetizado. Porém, o que lhes falta é a sistematização de todo esse conhecimento. A escola como locus de transmissão do saber científico e literário, deve, portanto, propiciar a relação do letramento com práticas de alfabetização, direcionadas para aspectos linguísticos.

Assim, a escola deve propor diferentes estratégias de leitura e de escrita visando favorecer ao estudante a aprendizagem por meio de atividades contextualizadas, atrativas e diversificadas, mobilizando seu interesse na construção do saber. Nesse sentido, faz-se necessário motivá-los às novas descobertas, para que avancem no nível de compreensão de leitura e de escrita por meio das práticas sociais, sem perder de vista, o respeito pelas especificidades e limitações da criança durante o processo de aprendizagem. Tomando ainda como exemplo a necessidade do uso de metodologias inovadoras, pressupõem-se que a busca por novas propostas de intervenções na alfabetização, possam suprir as possíveis lacunas decorrentes do cenário pós ensino remoto dos anos de 2020 e 2021, e que estão sendo refletidas diariamente em salas de aula, principalmente nos anos iniciais. Contudo, observa-se o grande desafio que os professores estão enfrentando no contexto escolar, ao se desdobrarem, na busca incessante de tentar recuperar as defasagens de ensino e de aprendizagem, que foram instaladas na alfabetização durante o período pandêmico.

Formação continuada e a prática de alfabetização

A discussão acerca dos temas que permeiam a complexidade do processo de alfabetização no Brasil ainda é emergente. Pesquisa recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada em junho de 2019, aponta que o Brasil tem 11,3 milhões de analfabetos acima dos 15 anos, uma taxa de 6,8% de pessoas. Apesar da redução com relação à última pesquisa (2016), com taxa de 7,2%, ainda não atingiu a meta proposta pelo Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024. Cenário que se agravou com o ensino remoto durante os anos de 2020 e 2021.

Este PNE determinou diretrizes, metas e estratégias para a política educacional e apresentou 20 metas, sendo que as primeiras onze referem-se à Educação Básica. A meta 5, especificamente, trata da alfabetização e estabelece que o Brasil deve “Alfabetizar todas as crianças no máximo, até o final do 3º ano do ensino fundamental” (BRASIL, 2014, p.10). Porém, evidencia-se que o país ainda está na contramão dessa meta.

A alfabetização é definida por Soares (2020) como aquisição do sistema convencional de escrita, já o letramento é entendido como o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais. Embora sejam processos distintos, são interdependentes e indissociáveis. Nesse sentido, a alfabetização só se efetiva quando é desenvolvida no contexto de práticas sociais, ou seja, de letramento.



No percurso da formação profissional na área educacional, percebe-se que a formação continuada de professores, tem proporcionado diversos conhecimentos e contribuído com novas reflexões sobre a teoria e prática docente. Embora alguns professores ainda apresentem resistência ao participarem, de forma espontânea das formações continuadas, sabe-se que se trata de uma condição essencial no campo educacional. Desse modo, Nóvoa (1997, p.12) aponta que “[...] a formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma ‘nova’ profissionalidade docente”. De fato, observa-se, que as contribuições ofertadas na formação continuada têm subsidiado os professores no modo de agir e de ministrarem suas aulas com maior segurança e autonomia.

Conforme mencionado, sobre a necessidade de suprir as lacunas decorrentes do cenário pós ensino remoto, cabe enfatizar a relevância da formação continuada do professor alfabetizador, principalmente no que diz respeito ao ensino da leitura e da escrita dentro da prática sociocultural envolvendo a ludicidade na rotina escolar. Tendo em vista o apontamento de Nóvoa (1997), a respeito de uma ‘nova’ profissionalidade docente, entender como a criança aprende e se desenvolve brincando, pode ser a chave para o sucesso de aulas inovadoras com novos conhecimentos. Nesse contexto, Hoffmann (2006, p. 21), considera que “a criança pode participar ativamente da construção de sua própria cultura e de sua história, construindo conhecimentos e constituindo sua identidade a partir de relações interpessoais”. De acordo com essa concepção, cabe ao professor alfabetizador, analisar o perfil de aprendizagem da sua turma, para que possa planejar propostas de atividades de acordo com as habilidades já construídas pelos alunos. Com isso, cabe reforçar sobre a importância dos cursos de formação continuada, e assim, incentivar os professores a participarem cada vez mais, dessa proposta educacional, visto que, a formação continuada tem a intencionalidade de proporcionar momentos de discussões e reflexões em grupo. Além de fornecer um suporte técnico de orientação durante o compartilhamento de ideias, experiências, angústias e incertezas. Nesses encontros, torna-se possível aprender formas adequadas de como avaliar as habilidades já conquistadas pelos alunos e de como reconhecer as capacidades que são apresentadas por eles. Assim, presume-se que a partir da formação continuada, esta contribuirá para enriquecer a prática pedagógica docente. Do mesmo modo, partindo do princípio de que a busca pelo conhecimento deve ser constante, pressupõe-se que o professor, sendo passível de diversos questionamentos relacionados à sua profissão, necessita compartilhá-lo, para que por meio de leituras, discussões e reflexões possa encontrar respostas embasadas nos referenciais teóricos da literatura, dos quais poderão ser compatíveis com sua realidade docente.

Quanto às práticas inovadoras vinculadas ao aspecto lúdico, cabe ao professor selecionar atividades intencionais, cuja proposta, seja desafiar o conhecimento da criança, brincando.



Porém, cabe destacar que na alfabetização, as atividades têm por objetivo promover o avanço e a compreensão da leitura e escrita com autonomia, conforme o nível alfabético em que a criança se encontra. Para tanto, alguns procedimentos devem ser levados em consideração, como traçar metas pertinentes a faixa etária, propor objetivos alinhados ao que se deseja alcançar em cada aula e estabelecer intervenções pedagógicas conforme a realidade da turma.

O perfil do público-alvo

As intervenções foram desenvolvidas em uma escola pública do norte do Paraná que funciona em período integral, junto a uma turma de 2º ano. A escola oferta turmas do 1º ao 5º ano, no período das 7h30min às 16h. Atualmente atende cerca de 360 estudantes. Os Componentes Curriculares estão organizados em Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Ensino Religioso, Arte e Educação Física, além das oficinas de Laboratório de Informática e Introdução à Filosofia. O perfil da comunidade é de famílias de baixa renda e que moram próximo à escola. No que tange à turma selecionada, é constituída por 26 escolares com idades que variam entre 7 e 9 anos, um deles necessita de atendimento educacional especializado (AEE).

Propostas de intervenções- ambiente alfabetizador

As intervenções foram desenvolvidas no ano de 2022 e contou com a troca de experiência de diversos docentes de diferentes localidades do norte do Paraná. A necessidade da presente proposta emergiu a partir da angústia diante do processo de alfabetização de estudantes com grande defasagem, sem perder de vista o ensino dos componentes curriculares para o determinado ano.

Assim, teve-se como primeiro objetivo determinar as aprendizagens indispensáveis para a criança acompanhar os conteúdos do ano, observando o currículo escolar. Em um segundo momento pensou-se em como organizar as atividades de modo a favorecer esse aprendizado. Logo, foi estabelecido como objetivos:

- Realizar avaliação diagnóstica.
- Estabelecer um parâmetro da turma.
- Determinar rotina como forte aliada as práticas de alfabetização.
- Realizar intervenções diferentes a depender da real necessidade de aprendizagem do escolar.
- Propor adaptação às estratégias selecionadas.



A partir da sondagem pode-se estabelecer estratégias de ensino que sejam condizentes com a realidade da turma. Evita-se desta forma, aulas em que os alunos não acompanhem as atividades propostas. Com essa sondagem é possível traçar metas que possam ser realizadas para atender as necessidades reais da sala de aula, além de se pensar nos conteúdos que devem ser priorizados no planejamento.

A rotina é essencial para organização e disciplina na sala de aula, pois é um padrão que devesse seguir diariamente que permite aos alunos prever algumas etapas da aula. Mas isso não significa que a rotina deve ser a mesma do início ao fim do ano letivo, ela pode e deve ser adaptada conforme os avanços.

Na rotina estabelecida durante a realização das intervenções, contemplava-se: visionamento de vídeo: “ As letras falam” de Jaime Zorzi e Jonts Ferreira, selecionada por apresentar além do alfabeto (conjunto de letras que representam o sistema de escrita) o abecedário (sequência de forma lógica de letras do alfabeto para representar nome de palavras que iniciam com determinada letra, exemplo: abecedário da Xuxa), como os alunos ainda não têm referência das letras nem mesmo de palavras que iniciam com elas, é fundamental essa representação para criação de estratégias de memorização, para utilização posterior. Conforme a compreensão das letras que compõem o alfabeto bem como, da representação das letras da música, sugeria-se a associação a novas palavras, diferentes das apresentadas na música. O conhecimento das letras é considerado como uma das condições indispensáveis para a alfabetização.

O momento da entrega dos crachás também foi utilizado para reflexão dos princípios alfabéticos. Os crachás eram colocados na mesa à frente dos alunos, e questionava-se a eles se tinha algum aluno que iniciava com determinada letra, assim se fazia com todas as letras do alfabeto. Além disso, perguntava-se de novas palavras que iniciavam com as letras dos respectivos nomes dos colegas e eram escritas no quadro como banco de palavras que serviam de referência e apoio para reflexão na resolução dos exercícios.

Outra intervenção de destaque foi a escrita da “palavra do dia”. Elaborou-se uma roleta da leitura com diversas palavras que faziam parte do cotidiano escolar no *wordwall*, os alunos sorteados por meio da “janelinha” (recurso utilizado para reconhecimento das letras e dos nomes) rodavam a roleta projetada na louça digital, e conforme a figura que aparecia tinham que escrever essa palavra na folha de papel em branco que era entregue. Assim, as intervenções necessárias eram realizadas conforme o nível de cada criança, para os pré-silábicos era feito questionamentos para refletir sobre as pautas sonoras relacionadas a rimas, aliterações e a sílabas, já os silábicos sem valor sonoro, para refletir sobre as pautas sonoras relacionadas aos fonemas, assim como os demais alunos de outros níveis. Ao término da

escrita pelos alunos, a palavra era corrigida oralmente e posteriormente escrita no quadro com indicações e apontamentos necessários para os que não fizeram a escrita correta. Desta forma todos pensavam sobre a escrita.

As intervenções realizadas eram direcionadas para a reflexão do sistema de escrita alfabética, e, assim, adaptadas conforme o nível de aprendizagem da criança. Com isso, apesar de ainda permanecer com diferenças, reduziu-se as dificuldades inicialmente apresentadas.

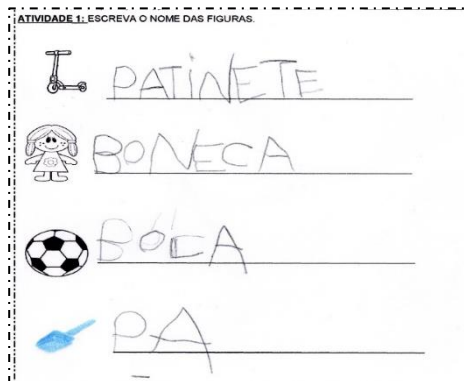
Metodologias e resultados

Durante o desenvolvimento das propostas, os alunos participaram de diversas atividades programadas, destacando a satisfação de realizar as atividades. Assim, os alunos puderam ter contato com algumas propriedades do sistema de escrita alfabética estabelecidas por Moraes (2019) como: escreve-se com letras, que não podem ser inventadas, que possui um repertório finito e que são diferentes de números e outros símbolos; as letras têm formato fixos e pequenas variações produzem mudanças na identidade delas; a ordem das letras no interior das palavras não podem ser mudadas; uma letra pode se repetir no interior de uma palavra, ao mesmo tempo em que distintas palavras podem apresentar as mesmas letras; as letras notam pautas sonoras das palavras que pronunciamos. A Figura 1 apresenta o salto qualitativo no processo de alfabetização após 2 meses de intervenções.

Figura 1 – Sondagem de escrita realizada em dois diferentes momentos (fevereiro e abril)



Fonte: Arquivo pessoal das autoras
Aluno pré-silábico



Fonte: Arquivo pessoal das autoras
Aluno alfabético

Foram relevantes as atividades em que as crianças cantavam e relembavam todas as letras do alfabeto, com apoio visual do alfabeto individual de mesa e o de parede da sala. Destacase, ainda, o momento da entrega dos crachás e a reflexão das letras iniciais de cada nome, bem como escrita de novas palavras no quadro de palavras que iniciavam com o mesmo som inicial (aliteração), estas palavras faziam parte do banco de palavras que as crianças utilizavam de apoio para escrever novas palavras nas atividades propostas durante a aula.

Também fez muita diferença a escrita da “palavra do dia”, pois tal momento possibilitou realizar intervenções específicas para atender a necessidade de cada um. O escolar pré-silábico, por exemplo, antes de escrever fazia os quadrados que representavam cada sílaba da palavra, para depois escrevê-la, já os silábicos escreviam sem as representações silábicas, e os silábicos alfabéticos e o alfabético, teriam que pensar em uma frase com aquela palavra. Com essas intervenções, de acordo com o nível de cada escolar, foi possibilitado o avanço efetivo na aprendizagem. Inicialmente, de 26 alunos, 14 encontravam-se no nível pré-silábico. Atualmente não há mais escolar neste nível, haja vista que todos avançaram.

Considerações finais

Com base nos registros dos resultados obtidos após as ações implementadas na turma de 2º ano, decorrente de uma acentuada heterogeneidade dos níveis de aprendizagens das crianças e como objeto de reflexão. Cabe enfatizar sobre a importância das intervenções serem realizadas conforme as necessidades específicas dos alunos, sendo organizadas por nível de dificuldades e aplicadas de forma individualizada.

Com relação aos encaminhamentos previamente propostos pelo professor, vale ressaltar que o diferencial está na potencialidade das ações propostas pelo docente em sala de aula, pois diferentemente do que se possa imaginar, não cabe atribuir um destaque especial somente aos recursos utilizados. Pois, sabe-se que os materiais de apoio são utilizados na prática escolar como suporte pedagógico, visto que, na realidade quem alfabetiza o aluno é o professor, independentemente do método escolhido por ele.

Dessa forma, buscou-se evidenciar com o relato de experiência proposto, uma possível resposta para à questão norteadora, a respeito de que modo garantir aprendizagem das crianças, e retomar as aprendizagens que não foram propiciadas em turmas com níveis diferentes de aprendizagens? Procurou-se esclarecer sobre a importância de se utilizar atividades lúdicas e de interesse dos alunos nas rotinas escolares, uma vez que, a motivação dos alunos pode estar atrelada a um bom plano de aula e com objetivos coerentes a realidade da turma.

Nesse sentido, parte-se do pressuposto, de que o sucesso escolar pode estar inserido no desenvolvimento de aulas atrativas. Portanto, esses levantamentos justificam-se a necessidade de o professor estar em constante participação nos cursos de formação continuada, para que possa aprofundar seus conhecimentos nos encontros, e assim, proporcionar-lhes novas discussões e reflexões em grupo condizentes com a prática docente. Enfim, com as intervenções propostas possibilitou-se o avanço dos alunos, da turma de 2º ano, em um curto período, e com isso, foi possível minimizar as defasagens identificadas no início do ano letivo por meio de sondagens. Desse modo, espera-se com esse relato,



contribuir com outras experiências relacionadas na área de alfabetização e letramento em escolas públicas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). *Plano Nacional de Educação*. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

HOFFMANN, J. *Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança*. 16 ed. Porto Alegre: Mediação 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico: resultados*. São Paulo. 2019.

MINAYO, M.C. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis. Vozes, 2002.

MORAIS, Artur Gomes. *Sistema de escrita alfabética*. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NÓVOA, A. *Formação de Professores e Profissão Docente*. In: NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. Dom Quixote: Lisboa, 1997.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2020.

